



JÉSSICA TEODORO-PAULO

Título Original: Salgueiro-Chorão

Autora: Jéssica Teodoro-Paulo

Copyright © Jéssica Teodoro-Paulo

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite e Ana Domingues

Paginação: Tânia Roberto

Capa: Aléxia Oliveira

Ilustração: Jéssica Teodoro-Paulo

1º Edição: setembro de 2025

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 553612/25

ISBN: 978-989-3619-25-4



Aos Teodoro e aos seus antepassados.

Aviso de Gatilho

Contém temas sensíveis como existencialismo, suicídio e depressão pós-traumática.

Car@amig@,

Sim amig@. Posso não te conhecer pessoalmente, mas depois desta leitura irás conhecer um pouco sobre mim e a forma como vejo o mundo.

Sabes, este livro nasceu da minha profunda reflexão sobre a vida, a existência e o significado das nossas escolhas e experiências. Os pensamentos que aqui estão - quer da velha, quer da rapariga - são pensamentos também meus. As histórias que aqui se contam são histórias que cresci a ouvir e que romantizei.

Nós somos uma coletânea de histórias, de memórias e experiências, e é a sua complexidade que torna a nossa viagem pessoal algo único.

Agradeço-te por embarcares nesta jornada comigo, por leres e refletires sobre o que são, muitas vezes, os sentimentos e pensamentos escondidos dentro do nosso coração.

Espero que esta modesta obra te ofereça uma visão que ressoe com as tuas próprias experiências e que, de alguma forma, ajude a iluminar as sombras e as dúvidas que todos nós enfrentamos.

Com gratidão e esperança,

João Paulo



Prólogo

A mão quente do pai levava-a pela sua pequenina mão pelos corredores de uma casa que não conhecia. Ao fundo de um corredor estreito e escuro, estava uma porta entreaberta, por onde saía uma luz suave. Havia um cheiro a alecrim e humidade no ar e, para lá da porta, sentia-se o odor a álcool etílico e a mofo. Na cama de ferro branca, sob uma pilha de pesadas cobertas e mantas, estava uma senhora pálida. Uma touca de pano cobria-lhe a cabeça, de onde escapavam longos cabelos brancos que descansavam sobre a sua pele e a camisa de dormir, também brancas.

— Aproxima-te, pequenina — disse a velha.

A menina foi até à beira da cama e pegou na mão magra, enrugada e quase transparente, que descansava no monte fofo de cobertas.

— É a avó Carlota — disse-lhe o pai.

Os seus pequeninos olhos verdes olharam para a velha como para absorver a imagem de si um dia. Na sua inocência, perguntou:

— Está doente?

A velha sorriu e respondeu:

— Talvez, mas não faz mal. Já vivi muito tempo.

— O que a faz doente? — insistiu a menina.

— Não sei, mas os antigos falam que, um dia, todos seremos atentados pelo bichinho mais pequenino do mundo. Se calhar, ele já deu comigo.

Num rosto frágil e ossudo, surgiu um sorriso doce e sem dentes. A menina sentou-se na cama e abraçou-se à velha.



Dia 1

Quantos meses serão?

Estava um dia solarengo e, sobre os montes, pairavam pequeninas nuvens brancas que decoravam aquele céu azul maravilhoso. Os pequenos aglomerados de casas nos vales, ligados entre si pelo alcatrão negro que se destacava no meio do verde vibrante, faziam-na lembrar-se da sua aldeia, pacata e pequena no meio do nada. As paisagens corriam rápidas para quem estava num autocarro na autoestrada, mas corriam ainda mais rápidas quando não se sabia — ou quando se saberia — se poderia fazer a viagem de volta.

Com a cabeça encostada à janela, os seus olhos não perdiam, nem por um segundo, aquela vista sobre o campo. Tinha os olhos secos e a arder, em parte pelas lágrimas que chorara, em parte pelas que ainda tentava aguentar dentro de si. Quando viu ao longe aparecerem os grandes subúrbios da capital, uma lágrima escorreu-lhe pela bochecha, seguindo para o queixo e acabando por se perder, inevitavelmente, no colo. Não queria voltar à grande cidade, num cenário tão negro, mas, por mais que lutasse contra isso, tinha de voltar, pois era ali que tinha tudo para poder trabalhar remotamente.

Quando fora à terra naquele fim de semana, não se sabia ainda o que iria acontecer, por isso só levava consigo uma mochila com coisas essenciais. Continuou a viagem com os maxilares cerrados, forçando-se para não chorar, mas, mal pôs um pé fora do autocarro e se afastou dos restantes passageiros, começou a sua caminhada até casa com a cara lavada em lágrimas.

Não era como se alguém a fosse ver na rua. A cidade estava deserta e sob um silêncio aterrador, que era interrompido por um chilrear tímido ou um carro que depressa desaparecia rua fora. Apesar de, aos domingos, a cidade ser normalmente mais tranquila naquela zona, em todo o seu caminho cruzou-se apenas com uma senhora que passeava o seu cão. Olharam uma para a outra para logo desviarem o olhar, cada uma escondendo a sua dor.

Quando finalmente chegou, fechou a porta atrás de si e, após atirar a mochila para um canto do quarto, atirou-se a si própria para a cama. O seu gato, gordo e cinzento, juntou-se a ela, recebendo-a com um ronronar feliz, pedindo festas que escasseavam desde sexta-feira. Acabava de voltar da sua aldeia e não sabia quando iria regressar. Respirava ofegante da caminhada desde o terminal rodoviário e da angústia que invadia o seu coração. Adivinhava-se um futuro tão incerto para os próximos meses...

Nunca, em vinte e cinco anos, lhe passou pela cabeça que o mundo pudesse parar novamente. Tudo isso era algo que só acontecia na ficção e, apesar das aulas de História a terem ensinado que coisas destas tinham acontecido no passado, nunca pensara vivê-las. Tudo é garantido — ou quase tudo: a comida na mesa, o trabalho que eventualmente lá se arranja, os amigos e a família. Contudo, nada sabia do que a solidão lhe iria trazer.

No dia seguinte, começava o confinamento — o primeiro de um número incerto de dias. Virou-se na cama e chorou. Chorava de ansiedade, porque não sabia quando ia voltar, chorava por tudo o que ia mudar na sua vida, chorava pelo medo que tinha em ficar sozinha por tanto tempo.

Indiferente, o seu gato enroscou-se junto às suas pernas e continuou a ronronar.



Dia 2

960 meses são 80 anos

Os pássaros chilreavam nos ramos mais altos do salgueiro, e as folhas ramalhavam levemente, embaladas pela brisa fresca. Os ramos caídos em forma de chuva dançavam suavemente, roçando o chão por baixo de si. Ao longe, o *roar* grave de um carro que passava lá ao fundo na estrada misturava-se com os demais sons. Eram os barulhos do mundo.

Ao abrir os olhos, o seu verde perdia-se no verde das folhas do salgueiro, mas depois logo olhava para o gato gordo que tinha ao colo e para a sua mão, velha e manchada pelo sol, que se confundia com o pelo amarelo do seu gato. Nas costas, sentia o tronco rugoso do salgueiro; debaixo de si, sentia o tronco liso e trabalhado em forma de banco, que um dia também tivera o prazer de ser uma árvore.

— Parabéns para mim — disse baixinho.

Lembrou-se do seu aniversário quando, ao acordar com o cantar do galo, ligara a telefonia e ouvira a data.

— E parabéns para ti, meu velho amigo. Já lá vão oitenta — disse, encostando a cabeça ao tronco de salgueiro, perdendo o olhar nos milhares de folhas que a cercavam do céu ao chão.

Não sabia quando, mas o seu pai plantara aquela árvore no mesmo ano em que nascera; por isso, gostava de acreditar que ambos partilhavam o mesmo aniversário.

Apesar da calma normal da aldeia, havia algo de diferente. Era segunda-feira, segundo o que ouvira na telefonia, mas havia muito menos carros a passar do que era costume.

— Será que ouvi mal? Não é domingo, senão tinha ouvido o sino da aldeia a chamar para a missa. Se calhar é sábado — disse ela ao gato, que se contorcia no seu colo para lavar as costas. — Bem, também não faz diferença, qualquer dia é bom como qualquer outro.

Ao fundo da rua, começou a ouvir um apito. Era o padeiro. Levantou-se devagar e lá foi ela, sem pressa, até ao portão da sua casa. Quando o padeiro a viu, parou a carrinha branca, saltou para fora, e abriu a porta de trás, mostrando a grande coleção de pães e bolos das mais variadas formas e feitios.

— Então, Dona Glória, é o pãozinho do costume? — perguntou o padeiro.

— Bem sabes que sim, menino. Ouve lá, que dia é hoje? — questionou, enquanto procurava umas moedas no bolso da bata.

— Então, é segunda-feira. — Entregou-lhe o saquinho do pão e estendeu a mão para receber as moedas.

— Ah, bem me parecia. Mas hoje está tudo muito sossegado. Os carros não passaram tanto como de costume.

O gato, atraído pelo cheiro a pão quente e doces, juntou-se à conversa, sentando-se ao lado do padeiro, que logo lhe fez uma festa, cumprimentando-o:

— Como vais, Jeremias? — Virou-se para a velha e explicou: — Foi o vírus que chegou cá, Dona Glória. O governo mandou fechar tudo por precaução. Deve ser só uma gripe, mas, olhe, temos de acatar as ordens. — Fechou a

porta da carrinha e despediu-se: — Bem, tenha um resto de bom dia e não saia de casa se não for preciso. — Com isto, enfiou-se na carrinha e continuou a apitar rua abaixo.

— Boas vendas, menino — despediu-se ela, acenando-lhe.

Hum, então foi o bicho que cá chegou... pensou ela. Sair de casa... até parece que não me conhece.

Voltou a entrar pelo portão e dirigiu-se até à cozinha, onde abriu um pãozinho e o barrou com manteiga. O gato, que entretanto já se juntara a ela novamente, subiu para a bancada, sendo recebido com uma migalha, que comeu com gosto. Eram quase 9h e, por isso, resolveu ligar a telefonia para ouvir as notícias. Afinal, sempre era segunda-feira, mas as pessoas ficaram em casa por causa do bicho.



Dia 3

Peso do silêncio

A luz do sol esgueirava-se pelas frechas do estore e vinha bater-lhe na cara. Abriu os olhos e virou-se para o outro lado, escondendo-se de mais um dia.

— Não quero ir trabalhar, Tico — lamentou-se, olhando o gato que se espreguiçava na alcofa junto à cama.

Como que a aceitar o desejo da dona, o gato saltou para a cama e enfiou-se debaixo das mantas quentes, desaparecendo por uns segundos, para logo depois meter a cabeça de fora e deitar-se a seu lado.

Acariciou o pelo macio e encostou o nariz à nuca do gato, cujo pelo lhe fez cócegas. Era confortante ter alguém consigo, mesmo que fosse só uma bolinha de pelo. Era uma pequena fonte de calor junto ao seu coração amargurado e apertado. Quando estava prestes a adormecer novamente, o gato saiu disparado da cama, alertando-a para os minutos que passavam. Levantou-se, então, com dificuldade, foi até à casa de banho e, ao pentear-se, olhou os olhos no reflexo que vinha do pequeno espelho. Tinha umas grandes olheiras que contrastavam com a sua pele amarelada. De um dia para o outro, sentia que tinha envelhecido imenso.

Vestiu algo de uma cor alegre, bebeu uma caneca de leite apressadamente e foi sentar-se em frente ao computador. Olhava, desesperada, para o relógio, pois estava quase na hora da sua primeira reunião do dia. No centro do ecrã, uma bolinha rodava e rodava, sem nunca dar lugar ao ambiente de trabalho. Afastou o colarinho da camisola da garganta e limpou o suor que se começava a formar na testa. Sentia-se a sufocar, quando, de repente, a bolinha desapareceu e pôde, finalmente, abrir o *e-mail* e procurar o *link* para a reunião.

— Ainda bem que te juntaste a nós — cumprimentou a sua chefe, quando, enfim, a sua cara apareceu ao lado da dos seus colegas.

Ela sorriu, tímida, e olhou para o relógio. Passavam dois minutos depois da hora prevista. Com o ar amargo de sempre, a sua chefe dirigia uma reunião em que exigia progresso, oferecia críticas gratuitas de forma rude e falava de um lugar de superioridade que considerava só seu.

Quando a reunião terminou, correu apressadamente para a casa de banho, onde vomitou todo o seu pequeno-almoço. Puxou o autoclismo e deixou-se ficar sentada no chão, debruçada sobre o tampo da sanita, num pranto.



Dia 4

Um pedaço de céu

Sentia os braços a queimar, e o livro que lia estava em brasa.

Cruzou a perna direita sobre a esquerda e fechou o livro, que fez descansar no seu colo.

Ao olhar para cima, foi encandeada pelo belo sol do fim de tarde. Fechou os olhos e encostou a nuca à cadeira. Terminou o trabalho mais uma vez com vontade de vomitar e sem forças para fazer fosse o que fosse. Sentia-se drenada psicologicamente e sob uma pressão constante de mostrar trabalho feito, mas sem nunca receber uma apreciação de volta. Críticas e mais críticas, às vezes até nas coisas mais irrelevantes.

Ao olhar pela janela do seu apartamento no rés do chão, viu o seu quintal cheio de limo, por nunca ser usado, e resolveu tirar o pó à cadeira de jardim e ir apanhar banhos de sol. Começava a recordar como era bom apreciar o sol, após meses e meses trancada entre quatro paredes. Ainda não podia sair de casa, mas deixou de estar confinada dentro do seu local de trabalho e de mil e um compromissos.

Após a pequena decisão, quase desesperada, de apanhar ar puro, sentiu diretamente a luz quente na cara, enquanto

era envolvida por um calor abrasador, que era ampliado pelo reflexo do sol na janela da vizinha da frente. Tinha pena de não haver muita natureza à sua volta, mas estava feliz por decidir aproveitar para estar em comunhão com a pouca que tinha.

Ao olhar para o quadrado de céu por cima da cabeça, assustou-se quando viu manchas brancas e pretas a pairarem em frente aos olhos. Depois de algum tempo a observar esta dança misteriosa, lembrou-se da primeira vez que se deu conta de tais sombras. Era uma memória distante, como se nunca tivesse passado de um sonho.

Olhava o céu azul sobre si, sem uma única nuvem, e ouvia o cacarejar de umas galinhas lá longe. Os dedos brincavam com a erva debaixo de si, e lembrava-se que cheirava a doces. Estava tão concentrada a olhar o céu que, quando viu as manchas, achou que fossem fadas que a vinham visitar. Nem quando as galinhas se aproximaram dela e vieram roubar o milho que tinha no bolso, ela quis desviar os olhos do céu. Era mágico.

Quando um passarito piou e passou por cima da sua cabeça, as memórias voaram com ele e, apesar de só lhe apetecer chorar, foi invadida por uma paz e leveza tais que o pássaro até a poderia ter levado consigo. Fechou novamente os olhos e deixou que as maçãs do rosto lhe ardessem ao sol.



Dia 5

A chama

Erguia os braços acima da cabeça, o machado pendia-lhe atrás da nuca, para logo sair disparado até ao tronco que se encontrava à sua frente. Com um baque seco, o tronco abriu-se ao meio, pronto para ser colocado dentro do fogão a lenha. Ia jurar que a única coisa que se ouvia na aldeia era o baque do seu machado.

— Parece que morreu tudo — disse baixinho, enquanto pegava na próxima vítima.

Nem nos quintais à sua volta se via uma vivalma. Imaginava os vizinhos preguiçosos, sentados nos sofás com o nariz colado à televisão.

Há uns anos, tivera uma. Nos seus últimos anos de vida, depois de o pai morrer, a mãe tinha encontrado um refúgio nas pessoas que via na televisão. Esquecera-se do que estava ao seu redor: do campo, do sol, das árvores, até do cãozinho preferido dela. Com o passar dos meses, a pele perdia a cor, as pernas perdiam a força. E até as palavras começavam a enrolar-se na boca. Sempre que chegava da horta, vê-la sentada assim, com os olhos vítreos e com o fiel cão deitado a seus pés, era assustador e revoltante. Decidira morrer muito

antes do seu coração parar de bater, envolvendo-se numa solidão que se confundia com a vida representada nas mais variadas novelas. Quando a mãe morreu, resolveu livrar-se da televisão. Não queria acabar como ela, colada a um ecrã à espera de que a morte chegasse. Era o mais fácil a fazer, mas, por mais silenciosa que a casa estivesse, nunca iria pregar os olhos em pessoas que não pertenciam à sua realidade. Talvez fosse por isso que ainda rachava lenha.

Encheu o cesto de lenha, pegou-lhe pelas asas e levantou-o do chão. Os braços fizeram o queixume do costume, seguidos das pernas. Passo a passo, como os passos pequenos de uma criança, levou a lenha até à cozinha e pousou o cesto no chão, para logo levar as mãos ao fundo das costas. Estas queixaram-se a cada passo, e sabia que no dia seguinte haveria de pagar a conta, mas, ao menos, a sua alma estaria orgulhosa e intacta, como sempre.

Ligou a telefonia:

— São agora cinco da tarde, quatro nos Açores. — Ouviu. Enquanto metia a lenha no fogão, continuou a escutar: — 337 infetados e um morto pelo novo coronavírus nas últimas vinte e quatro horas.

Acendeu um fósforo e fixou a chama, enquanto a levou à madeira seca, que se atiçou alegre.



Dia 6

Escuridão

Parecia uma noite de verão, e o astro estava claro. As estrelas brilhavam no céu negro e os grilos cantavam, felizes. Apesar de acordar sempre cedo, tivera muita dificuldade em adormecer. Aproveitava, então, a noite quente para se sentar nas traseiras da casa, onde tinha vista para os campos durante o dia.

O céu estava maravilhoso. Em quatro dias seria a lua nova, e as estrelas brilhavam com uma intensidade maravilhosa. Tirando os sons normais da natureza, tudo era silêncio, como sempre. Imaginava como seria agora, lá na cidade grande, com toda a gente enfiada em casa. O silêncio também deveria reinar, mas seria um silêncio pesado, estranho para quem estava acostumado ao barulho constante.

Nunca vivera na cidade. Das poucas vezes que lá fora, ficara assustada com a quantidade de pessoas, carros, carroças, prédios, barulho... Era tudo tão artificial que se sentira a ser esmagada por tudo o que estava à sua volta. Afinal de contas, *galinha do campo não quer capoeira*. Para se manter sã durante as suas viagens à cidade, procurava refúgio nas pobres árvores que viviam no meio de tudo

aquilo. Apesar de parecerem dobradas e mirradas sob o ar pesado que circulava, lá faziam o melhor que podiam para manter a sua dignidade.

A felicidade dela resumia-se ao céu e às estrelas. Quase todos os dias, antes de ir dormir, sentava-se a observar a imensidão que se perdia de vista. Quando havia lua cheia, admirava-a e à sua luz prateada a beijar os campos; na lua nova, envolvia-se na escuridão a olhar as estrelas, que, por vezes, choviam por cima de si num espetáculo de luzes que a fazia sentir-se muito pequenina. Havia um mistério na noite que lhe dava muita paz. Adivinhava que, quando morresse, era para uma escuridão assim que iria: calma e serena, sem barulho, sem nada.

As pálpebras começavam a pesar-lhe, e soube que era a altura de ir para a cama. Levantou-se, auxiliando-se nos braços da cadeira, e murmurou para os seus botões:

— Talvez amanhã não acorde para o sol, mas sim para a escuridão. Nesta idade, nunca se sabe.